



MEANDROS MUSICAIS DO TEJO

**Quintans (s), Mena (ct), Verona (vc),
García-Bernalt (cr, óg)**

Gulbenkian, Lisboa, dia 25 de novembro

A música barroca ibérica parece estar na moda. Só na Gulbenkian, quatro concertos no fim de semana. É verdade que ainda há muito por descobrir, como provou este concerto focado na música de Jayme de la Té y Sagau (1684-1736), um catalão que se estabeleceu em Lisboa por volta de 1707 e que por cá ficou. O programa foi salomonicamente repartido pelo excelente contratenor espanhol, Carlos Mena — bem conhecido do público português e em excelente forma — e por Ana Quintans, hoje a mais destacada cantora lírica portuguesa: dois duetos e duas cantatas (profanas ou humanas) de câmara para cada um. O único pitafite refere-se à magreza do contínuo — cravo ou órgão e violoncelo — aliás, bem entregue a Carlos García-Bernalt e Ruth Verona, respetivamente. As obras vocais de Té y Sagau foram complementadas por peças curtas para tecla de Pedro António Avondano, Domenico Scarlatti, Davide Perez e Carlos Seixas, habilmente escolhidas pela sua contrastante originalidade. Estamos, de facto, à beira-Tejo, com a água como motivo condutor (incluindo a água salgada das lágrimas). Lá fora, a chuva insistente acentuava as mágoas... Carlos Mena, grande admirador da música de Té y Sagau, deu o tom iniciando o concerto com a serenata “Campos do Tejo ondulante” (em castelhana). O contratenor brilhou ainda na II parte com a virtuosística cantata “Qué me quieres?”, em exuberante diálogo com o violoncelo. (Apreciei as belas sonoridades arrancadas por Verona ao seu instrumento.) Na generalidade, os temas referem-se às penas do amor — Cupido e Filis, filha do rei da Trácia e mulher abandonada de Demofonte, rei de Atenas, são invocados várias vezes — mas as quatro cantatas revelaram-se suficientemente diferenciadas musicalmente para captar a atenção do público. No auge da carreira, Ana Quintans exibiu uma voz cálida e belíssima, com agudos brilhantes, bem como uma afinidade e sensibilidade inatas para este repertório. Que maravilha! Certa em tudo e extraordinariamente comovente no fraseado. O extra foi a ária ‘Pero amor no más lides contra mí’, da cantata a due “Dulce tirano”, de Té y Sagau.

/ JORGE CALADO